ED X - ENSINO DE GEOGRAFIA_PROPOSTAS

ÍNDICE

- **MONITORAMENTO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL NAS ENCOSTAS DO MORRO DA POLÍCIA: UMA PROPOSTA DE ENSINO DE GEOGRAFIA** **2**
- **A PESQUISA COMO INSTRUMENTO DE GERAÇÃO DE AMBIÊNCIAS** **5**
- **EDUCAÇÃO RURAL E A APRENDIZAGEM COM REFERÊNCIAS NO LUGAR** **7**
- **O ESTUDO DO EFEITO ESTUFA NO ENSINO DE GEOGRAFIA** **11**
- **A INTERDISCIPLINARIDADE NO ENSINO MÉDIO - GEOGRAFIA E HISTÓRIA EM QUESTÃO -** **14**
- **COMO NOS TORNAMOS PROFESSORES? UMA REFLEXÃO SOBRE OS PROCESSOS FORMATIVOS.** **16**
- **MAPA: RECURSO DIDÁTICO IMPORTANTE PARA O ESTUDO DA GEOGRAFIA ESCOLAR, O CASO DE DAVID CANABARRO-RS** **18**
- **PERCEPÇÃO AMBIENTAL NO LAJEADO DO MOINHO- SÃO SEPÉ –RS** **20**
- **FORMAÇÃO CONTINUADA PARA PROFESSORES DE GEOGRAFIA EM SERVIÇO** **22**

MONITORAMENTO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL NAS ENCOSTAS DO MORRO DA POLÍCIA: UMA PROPOSTA DE ENSINO DE GEOGRAFIA

HELOISA GAUDIE LEY LINDAU[1]
ALINE ROSA[2]

O presente trabalho teve seu início no ano de 2003, com uma proposta de educação ambiental aplicada as comunidades do Morro da Polícia, localizado no município de Porto Alegre, no Estado do Rio grande do Sul. É um dos pontos mais elevados do município de Porto Alegre, concentrando os maiores percentuais de ocupações em áreas de risco geológico e geomorfológico em encosta e em áreas ribeirinhas junto as nascentes dos arroios Moinho, do Meio e Cascata.

A finalidade principal deste trabalho é de monitorar, junto com a comunidade local, os movimentos de massa das encostas do Morro da Polícia, cartografando sua dinâmica e proporcionando aos moradores locais, o encontro entre a geografia do lugar e uma educação ambiental ativa, capaz de transformar a realidade vivenciada pelos moradores, promovendo a compreensão do espaço vivido como uma realidade modificável, objetivando assim, melhoria da qualidade de vida.

Durante o ano de 2003, foram levantados os dados bibliográficos da área de estudo nas instâncias executivas, relativos as medidas infra-estruturais e o número de moradias em situação de risco. Esses dados foram localizados nas encostas e confrontados com a carta de insolação do Morro da Polícia a fim de avaliar os processos morfodinâmicos decorrentes da ocupação, bem como da falta de medidas infra-estruturais. O quadro abaixo apresenta os resultados levantados:

Número de domicílios das encostas do Morro da Polícia sem infra-estrutura básica

[1] Professora do Curso de Geografia da Ulbra. Orientadora do Projeto.

[2] Bolsista da FAPERGS.

Encosta	Falta de infra-estrutura			
	Abastecimento de água – rede geral	**Esgoto sanitário – rede geral**	**Destino de lixo - coletado**	**Total de domicílios**
Norte	2011	2965	1924	4118
Sul	164	1012	61	2302
Leste	234	977	54	1236
Oeste	69	1185	90	2618

As oficinas de educação ambiental foram realizadas junto a Escola Municipal Maurício Goulart, localizada na encosta Norte do Morro da Polícia e na Escola Estadual Professor Oscar Pereira, localizada na Encosta Sul do mesmo morro.

Foram feitas as seguintes oficinas: caminhadas de educação ambiental; montagem de uma estação experimental de pinos de erosão para acompanhar a perda de solo por escoamento superficial; taxa de infiltração; análise dos pontos positivos e negativos da ocupação nas encostas ; medição de cortes no aterro para identificar as áreas sujeitas a desmoronamento; leitura de mapas, cartas topográficas e fotografias aéreas das encostas do morro.

Em 2004 o trabalho continua a envolver as comunidades que habitam o Morro da Polícia, desenvolvendo oficinas de educação ambiental nas áreas mais suscetíveis a erosão, como na encosta sul que preserva a umidade, possuindo áreas de desmatamento.

O aumento contínuo de moradias agrava a erosão superficial, podendo evidencia-la no terreno do prédio da Escola, assim como os movimentos de massa, verificados nas rachaduras das edificações.

No decorrer deste ano as oficinas propostas observam o limite superior da ocupação, através de caminhadas, e análise de fotos aéreas antigas e mais recentes, para assim confronta-las e atualiza-las.

Estas fotos também serão utilizadas para a observação de locais suscetíveis aos seguintes processos: ravinamentos, voçorocamentos e afloramentos de matacões.

O trabalho continua com o monitoramento das estações experimentais de perda se solo, para que se possa, gerar dados da dinâmica do morro, afim de construir uma carta Geo-ecológica e dinâmica das encostas do Morro das Polícia.

O levantamento deste documento cartográfico é de suma importância para a execução de medidas corretivas como, reflorestamento das encostas degradadas do Morro da Polícia. A comunidade participará do trabalho buscando, juntamente com os pesquisadores, os tipos de plantas nativas do local, objetivando a compreensão da fitogeografia, da preservação e da estabilidade das encostas.

Para que se possa fazer um trabalho de reflorestamento a partir da conscientização ambiental da comunidade que habita o Morro da Polícia, serão feitas oficinas voltadas para a comunidade em geral onde se visa buscar a compreensão e importância da preservação do Morro da Polícia. As oficinas atendem também os pais e comunidade, a partir de atividades semanais. Procura-se propiciar aos participantes da pesquisa a multiplicação do conhecimento e a importância da conservação ambiental local. Objetiva-se a compreensão, a preservação e a correção de áreas degradadas.

Referências bibliográficas

LINDAU, Heloisa G. Análise Geográfica da Ocupação da Vertente Noroeste do Morro da Polícia.Monografia (curso de graduação em Geografia),Faculdade de Geografia, Instituto de geociências, UFRGS, Porto Alegre,1996.

_____,Morfodinâmica do Morro da Polícia em face da apropriação das encostas/Porto Alegre RS. Dissertação de Mestrado do programa de pós-graduação em Geografia da UFRGS, Porto Alegre, 2000.

A PESQUISA COMO INSTRUMENTO DE GERAÇÃO DE AMBIÊNCIAS

CLÁUDIA LUÍSA ZEFERINO PIRES[3]
AMARILDO AUGUSTO VEIGA[4]

O conhecimento geográfico e a educação ambiental deve contribuir com a construção de uma sociedade menos excludente, através da promoção de valores éticos voltados para a liberdade e para a solidariedade. Educar é desacomodar posturas frente ao espaço vivido e criar novas atitudes para a vida. Para tanto, os educandos precisam encontrar na escola um espaço propício à produção de saberes que possam levar a superação dos conflitos vivenciados. A prática de pesquisa dentro da escola pode qualificar do ensino para uma formação educativa efetivamente dialógica e transformadora.

A escola passa, aqui, a ser concebida como um espaço que deve ser apropriado com a finalidade de educar para a construção de um ambiente mais harmônico e para o exercício da cidadania, estimulando a produção e socialização de conhecimentos transformadores. E, a escola pública voltada para a educação popular, em especial, constitui-se numa instituição formal de ensino que deve democratizar conhecimentos, combater as desigualdades sociais e possibilitar a dialogicidade na relação com o outro.

A partir do levantamento de dados realizados e do reconhecimento de conflitos territoriais e de áreas com impactos ambientais verificou-se a importância da "pesquisa" no sistema curricular da escola, pois temas referentes à cidade ou ao urbano podem se tornar conteúdos educativos e possibilitar o confronto entre o tratamento científico e o cotidiano. Isto permite ao professor, juntamente com seus educando, explorar as imagens que possuem em relação ao seu lugar e problematiza-las. Para tanto, a educação ambiental pode contribuir para esse diálogo e fortalecer, ainda mais, instrumentos que possam formar uma

[3] Diretora e Professora do Curso de Geografia/ULBRA/Canoas/RS
[4] Acadêmico do Curso de Geografia da ULBRA/Canoas/RS e Bolsista da FAPERGS

territorialidade ambiental, a partir de da formação de um sujeito ecológico, um intérprete de seu contexto, ou seja, capaz de compreender e transformar sua realidade.

EDUCAÇÃO RURAL E A APRENDIZAGEM COM REFERÊNCIAS NO LUGAR

CRISTIANE VIEIRA MEDEIROS[5]

Este trabalho tem a pretensão de unir a geografia com a pedagogia através do entrelaçamento de conceitos geográficos e pedagógicos. Sobretudo, ele pretende provocar algumas reflexões à cerca da prática realizada nas escolas de zonas rurais que não "percebem" o seu entorno e conseqüentemente não o trazem para sala de aula. Dessa forma perdem uma rica oportunidade de fazer o aluno compreender o lugar onde vive e todas as relações que nele se estabelecem e ainda todas as conseqüências mundiais que nele se concretizam.

Partindo da concepção de educação baseada na conscientização e na transformação do meio em que vivemos, ensinar o aluno do meio rural respeitando sua identidade, seu lugar passa a ser um desafio.

"A questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a de classe dos educandos cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista, é problema que não pode ser desprezado" (FREIRE, 2001).

O professor que não propicia ao seu aluno uma experiência para pensar seu próprio espaço, assumir seu papel de sujeito transformador na comunidade em que vive, apenas treina esse aluno e torna muito pragmático o processo educativo enquanto poderia promover discussões, análises, críticas sobre as relações que se estabelecem.

Trabalhar conteúdos que não sejam alheios à vida cotidiana do aluno, possibilitar o estudo da realidade onde está inserido, não de uma forma linear, mas de um modo em que questões do mundo interliguem-se às questões locais permite um maior entendimento sobre as transformações que ocorrem ao seu redor.

Construir essa noção de que os acontecimentos locais têm relação com os acontecimentos mundiais é uma questão complexa, contudo, se o professor tiver

[5] Aluna do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRGS, orientado pelo Prof. Dr Nelson Rego

clareza e conhecimento sobre a vida do aluno, sobre o local com o qual irá interagir fará crescer neste aluno uma curiosidade e motivação para aprender, para entender, dessa forma o professor permitirá que seu aluno não seja um mero espectador dentro da sua comunidade e "Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não *aprendo* nem *ensino*" (FREIRE, 2000).

Perceber que o lugar "não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido, isto é, de experiência sempre renovada, o que permite, ao mesmo tempo, a reavaliação das heranças e a indagação sobre o presente e o futuro. A existência naquele espaço exerce um papel revelador sobre o mundo" (Santos, 200) possibilitará ao professor dar um sentido ao trabalho desenvolvido com o aluno do meio rural.

Há que se ter muita clareza de que o lugar não é apenas aquilo que todos os dias enxergamos, seja do ponto de vista físico ou do complexo de relações, ações e ligações que ali se estabelecem, e sim a concretização das ações do mundo é que configuram o lugar, segundo Milton Santos (2000): "Os lugares, são, pois, o mundo, que eles reproduzem de modos específicos, individuais, diversos. Eles são singulares, mas também são globais, manifestações da totalidade-mundo, da qual são formas particulares".

Estudar o espaço é olhar o entorno, perceber o que existe, analisar o que acontece. Esta é uma forma de ler a vida concretamente e que propicia a construção de novos conceitos do espaço que vivemos e que aprendemos a pensar.

O espaço é construído a partir da história de vida de cada um que vive nele, como diz SANTOS (1988): "Cada lugar combina variáveis de tempos diferentes. Não existe um lugar onde tudo seja novo ou onde tudo seja velho. A situação é uma combinação de elementos com idades diferentes".

"O lugar é o ponto de encontro de interesses longínquos e próximos, locais e globais".(SANTOS, 1988).

O desafio do professor é fazer com que o aluno do meio rural compreenda o mundo a partir do estudo do seu lugar, "É na realidade mediatizadora, na consciência que dela tenhamos, educadores e povo, que iremos buscar o conteúdo programático da educação" (FREIRE, 1987).

A prática de um "método pedagógico que procura dar ao homem a oportunidade de re-descobrir-se através da retomada reflexiva do próprio processo em que vai ele descobrindo, manifestando e configurando" (FREIRE, 1987) é o que entendo por conscientização.

Entretanto essa conscientização precisa fundamentar-se em transformações muito coerentes com a proposta que se quer assumir.

Primeiro é fundamental que o papel da escola seja re-pensado e re-significado, portanto assumindo-se compromissos ético/moral com os alunos que a freqüentam, levando em conta que são pessoas singulares "que merecem respeito, disponibilidade e seriedade" (Por uma educação básica do campo, 1999) por parte dos educadores;

A escola também tem que assumir o compromisso de resgatar, conservar e valorizar a cultura que ali se apresenta, no sentido de que cada aluno sinta-se parte de um processo com raízes no passado e perspectivas para o futuro.

A segunda transformação diz respeito à gestão da escola que deve ampliar seu acesso para a comunidade, permitir maior participação da comunidade escolar nas decisões e propostas, seja de cunho pedagógico ou administrativo.

Refletir sobre o modo como os alunos construirão seu conhecimento, quais aprendizados mais significativos devem ser oportunizados, também é uma transformação que a escola precisa incorporar nessa nova proposta de ação voltada para a conscientização e transformação da realidade;

O currículo dessa nova escola também deve ser repensado, pois ele processará os conteúdos da realidade que serão desenvolvidos, trabalhados, questionados. "Não há como imaginar aulas estanques e inanimadas como principais meios pedagógicos" (Por uma escola básica do campo, 1999), é necessário pensar um ambiente que realmente propicie a real formação do aluno.

Também é importante salientar que o currículo a ser desenvolvido na escola fundamentalmente deve embasar-se na valorização do trabalho e na identidade com a terra/lugar, mas não se pode deixar para segundo plano o trabalho com a cultura, onde a valorização, o reconhecimento e a produção local serão aproveitados e apresentados.

Uma quinta transformação necessária se refere ao professor, principal agente deste processo. A qualificação e a formação continuada do professor que trabalha

com alunos do meio rural deve ser incluída num programa articulador que fortaleça a comunicação e o pedagógico entre escolas e professores com realidades semelhantes.

Quando falo que o professor é o principal agente destas transformações refiro-me ao papel que ele tem em assumir-se como um ser comprometido com uma educação transformadora e conscientizadora, reflexivo e pesquisador das diferentes alternativas pedagógicas que vem sendo discutidas e apresentadas no Brasil e no mundo. Principalmente refiro-me ao fato de que é preciso ter consciência de que "*ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção".*(FREIRE, 2000).

"A educação é uma forma de intervenção no mundo".(FREIRE, 2000), portanto é através do professor comprometido com uma educação progressista que o aluno aprende a pensar e reconhecer o espaço no qual vive.

A compreensão e o reconhecimento da força que a cultura e a identidade do lugar exercem no aluno permitirão uma prática educativa realmente construtiva, pois o aluno aprenderá a apropriar-se do seu mundo para poder transformá-lo, assumindo-se com sujeito do lugar, agente na construção do espaço que vive.

Compreendendo o lugar em que está é uma maneira de ampliar significativamente o conhecimento de outros lugares, que estão distantes da cotidianidade, mas que interferem na dinâmica da sua vida, do seu grupo, da sua comunidade.

Esse "conhecimento que vai se ampliando de maneira articulada a partir daquela perspectiva acontecimental decorrente da perspectiva local, relativa tanto ao espaço quanto ao encadeamento de acontecimentos que, naquele momento, se apresentavam como portadores de necessidades de compreensão e de ação por parte dos educadores e educandos envolvidos naquele lugar".(REGO, 2003) é que nos permite transformar profundamente a escola, o ensino, a aprendizagem.

A "base geográfica dessa construção será o lugar, considerado como espaço de exercício da existência plena".(SANTOS, 2001).

O ESTUDO DO EFEITO ESTUFA NO ENSINO DE GEOGRAFIA

DENISE JORGE CARVALHO[6]

Esta comunicação tem por finalidade apresentar algumas reflexões sobre o estudo do efeito estufa no ensino de geografia. O objetivo dessa comunicação, é contribuir para a explicação das conseqüências do efeito estufa na saúde do ser humano e no planeta. Além de identificar a intensidade do efeito estufa, ressaltando o efeito estufa como um efeito natural.

Esse tema tornou-se uma grande discussão na sala de aula e tem causado muitas incertezas quanto aos seus efeitos e conseqüências. O desenvolvimento desse estudo foi a partir de um trabalho elaborado na disciplina de Geografia Física da Universidade Luterana do Brasil.

Considerações iniciais: Existem gases na atmosfera que são conhecidos como gases - estufa. O calor solar pode atravessar as zonas de concentração desses gases, mas sua saída é mais lenta. Sem eles, a Terra seria 40°C mais fria, o que impediria a possibilidade de vida no planeta. Se a quantidade desses gases fosse maior na atmosfera, então o calor solar não escaparia em quantidade suficiente, o que tornaria o mundo quente demais para ser habitado.

São conhecidos trinta gases - estufa, mas só um deles, o dióxido de carbono é responsável por 40% do aquecimento da Terra. Esses gases se formam durante a queima de combustíveis fosseis, e sua quantidade encontrada na atmosfera é pequena, mas cresce muito rapidamente e perigosamente.

O efeito estufa é um fenômeno natural que sempre existiu. Pois, os problemas, na verdade, é seu possível crescimento como conseqüência de emissões antrópicas de poluentes atmosféricos. O efeito estufa é absolutamente necessário para que exista vida na Terra, pois é através do equilíbrio térmico, a superfície terrestre deve

[6] Acadêmica do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Luterana do Brasil – ULBRA. Trabalho desenvolvido na disciplina Geografia Física, orientado pelo Professor Rafael Lacerda Martins.

refletir energia, principalmente sob forma de radiação luminosa de comprimento de onda (que são radiações infravermelhas do aspecto solar). Pois, essas moléculas suscitáveis de absorver a maior parte dessa radiação infravermelha refletida pela superfície da Terra e as baixas camadas da atmosfera, essa energia captada pelos gases é transformada em calor, com isso se forma uma espécie de cobertura protetora que recupera uma parte da energia refletida pela Terra, para que evite o resfriamento. Este processo pode ser observado pelos agricultores, pois eles cobrem suas culturas com vidro ou plásticos, que transparentes para as radiações solares e opacas às radiações do interior da estufa permitem conservar uma parte desta energia refletida pela Terra.

O efeito estufa na saúde e seus efeitos: Muitas incertezas existem no que diz respeito, à determinação das conseqüências trazidas pelo aumento da concentração atmosférica dos “gases estufa”, que dificultam a dissipação da radiação refletida pela Terra. Pois, o maior impacto sobre o clima é o do gás carbônico, cuja presença no ar aumentou em cerca de 25% desde a Revolução Industrial. As principais conseqüências, são o uso de combustíveis fosseis e a emissão de gases, exercerão influencia significativa sobre a velocidade e a profundidade das mudanças climáticas, pois essas mudanças tendem a afetar, em processos físicos e biológicos.

As conseqüências para a saúde do homem são relativamente bem conhecidas, pois milhares de espécies marinhos estão ameaçados e o derretimento das geleiras pode inundar cidades costeiras em todo o mundo, pois o aumento do volume de chuvas no hemisfério norte, com mais tempestades e enchentes, não podemos esquecer que a espessura do gelo no Oceano Ártico ficou 40% menos nos últimos quarenta anos.

O efeito estufa e o compromisso com o futuro: A principal conseqüência deste efeito estufa, parece ser ameaçadora, mas em certa medida, ao menos localmente, pela perda da transparência da atmosfera, que se da a crescente presença de poeiras, fumaças e nuvens, o que dificulta a penetração das radiações solares. Este assunto é extremamente complexo, mas é inegável que as alterações ambientais introduzidas pelas atividades humanas, poderão causar danos dificilmente previsíveis e de proporções catastróficas, cabendo a nos seres humanos que fizemos parte deste Planeta tentar evita-los.

Referências Bibliográficas:

BAINES, John. Preserve a atmosfera. 4,ed. São Paulo: Scipione, 1998.
BRANCO, Samuel Murgel. O meio ambiente em debate. 26,ed. São Paulo: Moderna, 1997. (Coleção Polêmicas).
MOUVIER, Gerard. A poluição atmosférica. 5,ed. São Paulo: Ática, 1997. (Serie Domínio).
RABELLO, Ângela de Luca. Efeito Estufa Uma Ameaça no ar. Ciência a hoje. Rio de Janeiro: v.5, n.29,mar 1990.
RYAN, Colm. Efeito estufa. Disponível em <http://br.geocities.com/sala de física/leituras/efeito estufa.htm> Acesso: 26 de setembro de 2002.
RYAN, Colm. A camada de ozônio. Disponível em <http://www.msantunes.com.br/juizo/camada.htm> Acesso em 30 de setembro de 2002.

A INTERDISCIPLINARIDADE NO ENSINO MÉDIO - GEOGRAFIA E HISTÓRIA EM QUESTÃO -

EDIMARA G. SOARES, KALINA SALAIB SPRINGER, ANDRÉIA SECRETTI, ANDRESSA R. TEIXEIRA, MICHELI RIBEIRO.[7]

Este estudo está relacionado á necessidade de teorias e práticas interdisciplinares no ensino médio, considerando as modificações realizadas no concurso vestibular da UFSM. As mesmas estão voltadas para a interligação das questões, pois estamos inseridos numa sociedade globalizada onde as fronteiras são difíceis de serem delimitadas, o conhecimento está inserido nessa perspectiva.

As constantes e rápidas transformações interferem em nosso cotidiano de forma direta ou indireta, desafiando nossa capacidade de entendimento e acompanhamento, isto evidencia a preocupação de ruptura com saberes "engavetados", ou seja, sem articulação entre ambos.

Nesse sentido, precisamos estar atentos para a sucessão de acontecimentos, buscando entender e questionar os arranjos feitos nas várias dimensões da sociedade.

A temática deste projeto de pesquisa direcionou-se para um averigüamento das práticas interdisciplinares referentes aos conteúdos de História e Geografia, sendo que o mesmo foi desenvolvido na Escola de Ensino Médio Maria Rocha, localizada em Santa Maria.

Diante das tentativas e propostas para um melhoramento na educação nos níveis fundamental e médio, sentiu-se a necessidade de nos aproximarmos do ensino médio com a intenção de observarmos os procedimentos teórico-metodológicos utilizados para facilitar o entendimento dos alunos num conjunto de realidades múltiplas, onde as fronteiras do conhecimento precisam ser superadas. Assim, justifica-se a busca por uma postura pedagógica que possibilite a articulação dos conteúdos em disciplinas diferentes, apontando a interdisciplinaridade como instrumento para repensar as práticas de ensino.

[7] Alunas do curso de Geografia da UFSM

O recorte que seleciona as disciplinas de Geografia e História no conjunto das demais que compõe a grade curricular do Ensino Médio é justificado pela proximidade de seus suportes teóricos e epistemológicos. Ambas inseridas numa visão cultural mais ampla permitem investigar os significados que são produzidos e circulam na sociedade como verdadeiros e também podem ser instrumentos que questionam as estruturas tradicionais canonizadas.

No decorrer da pesquisa percebemos que a transmissão dos saberes escolares continuam enraizadas num modelo de ensino fragmentado, a organização curricular dificulta uma abordagem interacionista.

COMO NOS TORNAMOS PROFESSORES? UMA REFLEXÃO SOBRE OS PROCESSOS FORMATIVOS.

GRAZIELA FRANCESCHET FARIAS[8]
HELENISE SANGOI ANTUNES[9].

Esta investigação que responde à preocupação em contribuir para os estudos sobre formação de professores, procurou conhecer as significações sociais instituídas e instituintes sobre a escolha da profissão professor, construídas por alunos do 3° semestre do curso de Geografia - Licenciatura da Universidade Federal de Santa Maria.

Caracterizada por uma abordagem qualitativa, a pesquisa está sendo desenvolvida preliminarmente com uma pesquisa bibliográfica sobre a temática de formação de professores, sendo que pretende-se avançar neste estudo a partir da coleta e sistematização de autobiografias escritas e entrevistas semi-estruturadas com cinco alunos da referida graduação.

A metodologia adotada nesta investigação justifica-se pela oportunidade que os sujeitos da pesquisa terão para refletirem sobre suas histórias de vida, incluindo lembranças da escola, escolha profissional, processos de formação, prática pedagógica a ser adotada e a instauração de novas significações sobre os processos formativos de professores.

Nota-se que neste processo de reflexão que se deseja instaurar, no entanto, necessita de tempo, estímulo e continuidade para se instalar, especialmente quando se trata de alunos em processo de formação. Esta necessidade parece comprovada pelo fato dos estudos desenvolvidos por Nóvoa (1992), Antunes (2001), Goodson (1992), Fontana (2000), e Catani (1998) apontar no sentido de que o trabalho

[8] Acadêmica do curso de Geografia Licenciatura Plena – CCNE/ UFSM – Participante do Projeto de Pesquisa: Ciclos de Vida Pessoal e Profissional na Trajetória Docente.
[9] Profa Dra do Depto de Metodologia de Ensino- UFSM / Pesquisadora do GEPEIS/UFSM. Coordenadora do Projeto de Pesquisa: Ciclos de vida pessoal e profissional na trajetória docente. E-mail: professora@helenise.com.br

desenvolvido a partir das lembranças escolares é um processo gradativo e de envolvimento pessoal e profissional.

Acredita-se que os processos que envolvem a formação dos professores dá-se desde o início da graduação, sendo que os cursos de licenciatura, de um modo geral, deveriam articular de forma equilibrada a teoria e a prática. Mas, infelizmente, o que ainda persiste em algumas grades curriculares é somente a aplicação de conteúdos massantes e descomprometidos com a realidade social do país, instauração de um ambiente competitivo entre professor-aluno e aluno-aluno, favorecendo com que ocorra uma dispersão entre o objetivo principal de um curso de licenciatura, que acredita-se ser preparar os alunos para atuar de forma ética e comprometida com o exercício da profissão professor. O que lamentavelmente constata-se é que muitos desejam cursar a licenciatura de Geografia com o intuito de dar continuidade aos seus estudos em uma pós-graduação tornando-se um pesquisador. Caso isto não ocorra, acabam tornando-se professores do ensino médio como uma segunda opção menos desejada.

BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, Helenise Sangoi et al. Professor Reflexivo In: OLIVEIRA, Valeska Fortes de (Org.) **Imagens de professor –** significações do trabalho docente. Ijuí: UNIJUÍ, 2000.

ANTUNES, Helenise Sangoi Antunes et al. O imaginário do professor em relação a sua profissão.**Cadernos de Ensino, Pesquisa e Extensão. ISSN 1517-1353.** Santa Maria, set.2000a.

CATANI, Denice Bábara *et al* . Os homens e o magistério: as vozes masculinas nas narrativas de formação. In: BUENO, Belmira Oliveira; CATANI, Denice Bárbara; SOUZA,

FONTANA. Roseli A. Cação. **Como nos tornamos professoras?** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

GOODSON, Ivor. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento pessoal. In: NÓVOA, António. (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto, 1992, p.63-78.

NÓVOA, Antônio. **Organizações escolares em análise**. 2. ed Lisboa: Dom Quixote, 1995.

MAPA: RECURSO DIDÁTICO IMPORTANTE PARA O ESTUDO DA GEOGRAFIA ESCOLAR, O CASO DE DAVID CANABARRO-RS[10]

MOTA, PATRÍCIA[11]; CASSOL, ROBERTO[12]; FILHO, WATERLOO P.[13]; FERRARI, RENATA[14]; - MELARA, ELIANE; CIROLINI, ANGÉLICA, TRENTIN, GRACIELI -[15]

O estudo da linguagem cartográfica tem reafirmado, cada vez mais, a sua importância enquanto um instrumento básico para aprendizagem da Geografia. Esta linguagem contribui para que o aluno venha compreender e utilizar uma ferramenta básica da Geografia, o mapa, ampliando a sua capacidade de comunicação e interpretação dos fenômenos geográficos e suas inter-relações.

Neste sentido, o que se observa constantemente é o emprego direto do mapa usado pelo geógrafo, ou o extremo oposto: o uso de mapas excessivamente simplificados para a criança. O que ocorre é que os pequenos "lêem" os mapas dos grandes, os quais são generalizações da realidade que implicam uma escala, uma projeção e uma simbologia especiais e que não têm significação nenhuma para as crianças (Oliveira, 1978, p. 34).

Sendo assim, o problema didático do mapa é que, em nível de sala de aula, o professor o utiliza como um recurso visual, com o objetivo de ilustrar e mesmo "concretizar" a realidade, e recorre ao mapa, que já é uma representação e uma abstração em alto grau do mundo real. Ao apresentar o mapa ao aluno, o professor geralmente não considera o desenvolvimento mental da criança, especialmente em termos de construção do espaço (Oliveira, 1978).

Segundo Silva (2002), o mapa constitui um instrumento privilegiado para se estudar o espaço, possibilitando ao aluno a compreensão de uma nova linguagem, que é codificada e permite a representação de um espaço real. O mapa se

[10] Parte da Pesquisa financiada pela Fundação de Incentivo à Pesquisa (FIPE – 2003)
[11] Autora: Aluna da Especialização em Geomática/CCR/UFSM
[12] Orientador: Prof. Dr. do Departamento de Geociências/CCNE/UFSM
[13] Co-autor: Prof. Dr. do Departamento de Geociências/CCNE/UFSM
[14] Co-autora e apresentadora: Graduanda em Geografia – Licenciatura/CCNE/UFSM
[15] Co-autoras: Graduandas em Geografia – Licenciatura/CCNE/UFSM

apresenta como um “símbolo” da Geografia na escola, fazendo parte da representação social, dos alunos e professores, do que é “aprender Geografia”.

Deste modo, optou-se por analisar o Instituto Estadual de Educação Assis Brasil do Município de David Canabarro escolhido aleatoriamente e devido esta Escola apresentar grande deficiência no ensino de Geografia, mais especificamente na área de Cartografia, anteriormente verificada através de teste piloto realizado com algumas escolas dos municípios do noroeste gaúcho.

Inseridos nesta premissa, o presente trabalho tem por objetivo elucidar a importância do mapa como recurso didático no cotidiano dos alunos de 5ª série do Instituto Estadual de Educação Assis Brasil do município de David Canabarro, inserido no Estado do Rio Grande do Sul e, localizado entre as coordenadas 51º48’00” de longitude oeste do Meridiano de Greenwich e a 28°24’00” de latitude sul do Equador.

Sendo assim, para a efetivação da pesquisa, utilizou-se de trabalho de campo com a aplicação de questionários aos alunos e professores da Escola analisada, selecionados conforme a amostragem sistemática (Gerardi & Silva, 1981). Após, as informações foram tratadas, e disponibilizadas em gráficos elaborados no aplicativo Excel, que possibilitaram interpretação e estudo das informações obtidas.

A partir da análise das informações, pode-se constatar que os estudantes apresentam dificuldade na interpretação dos fenômenos geográficos apresentados em mapas, pois não sabem definir o que seja um mapa, suas funções e possíveis aplicações. Deste modo, averiguou-se também, a metodologia e métodos utilizados pelo professor no seu fazer pedagógico, e assim, verificou-se que nem sempre o professor ao transmitir os conhecimentos, os transmite adequadamente, o que foi caracterizado pela precariedade dos recursos didáticos utilizados e pela dificuldade apresentada pelos alunos na identificação das noções geográficas e cartográficas.

PERCEPÇÃO AMBIENTAL NO LAJEADO DO MOINHO- SÃO SEPÉ – RS

RENATA DIAS SILVEIRA -UFSM
MARIA DA GRAÇA BARROS SARTORI -UFSM
JULIÊ LOURENÇO DA ROSA -UFSM

O trabalho propôs a aplicação de princípios de educação ambiental na Bacia Hidrográfica Lajeado do Moinho, no segmento que drena a cidade de São Sepé, RS, no que se refere a sua caracterização, verificação dos problemas ambientais existentes e sugestões para a solução destes.

O crescimento desordenado da área urbana proporcionou a aglomeração da população, principalmente aquela de baixa renda, às margens do Lajeado do Moinho, não respeitando a área alagável da sua planície aluvial, além de destruir a vegetação nativa. Também constitui-se em problema o acúmulo de lixo no leito e margens do Lajeado, bem como o lançamento de esgoto, que além de reflexos na saúde dos ribeirinhos, favorece o transbordamento mais rápido do canal.

Dessa forma, aplicou-se instrumentos de investigação à população com o objetivo de conscientizar a comunidade sobre a importância da preservação e manejo adequado da bacia hidrográfica do Lajeado do Moinho para a melhoria da qualidade de vida da população, bem como para o restabelecimento da harmonia no ecossistema.

As bases teóricas foram buscadas em obras que tratassem de questões ambientais, como Cunha & Guerra (1995); da caracterização física e geologia da área, como Kaul, Herrmann, Leite e Justus (1990), Vieira (1984), Moreira (1982) e Sartori (1978); de educação ambiental, como Rocha (2001) e Oliveira et al (2000); e de percepção ambiental da população como Sartori (2000).

As bases cartográficas utilizadas foram a Carta Topográfica de São Sepé, na escala 1:50000, o Mapa Geológico e o Geomorfológico do RS, ambos de escala 1:1000000.

Após realizou-se trabalho de campo, quando foram aplicados instrumentos de investigação, de forma aleatória, a 21 moradores dos bairros Santos, Pontes e Kurtz, residentes nas margens do Lajeado. Este constituiu-se de 9 questões abertas a respeito da percepção da população adulta quanto a situação atual do Lajeado do Moinho.

A análise dos resultados permitiu obter-se dados importantes a respeito das características da população moradora das margens do Lajeado do Moinho em seu segmento urbano e o estágio em que se encontra a relação homem-meio ambiente na bacia hidrográfica em questão.

Pela tabulação das respostas ao instrumento de investigação, pôde-se verificar que grande parte da população percebeu as mudanças das condições ambientais do Lajeado ao longo dos anos, porém não sabe o que fazer com elas, ou seja, não consegue identificar ao certo a raiz do problema e as maneiras de se conseguir a recuperação do meio. Muitas ainda, por estarem familiarizadas com a situação, sequer acham necessárias providências ou, simplesmente, omitem-se, como se o problema não as atingisse mesmo que indiretamente, e a responsabilidade pela atual realidade é repassada aos órgãos administrativos locais, aos próprios vizinhos e/ ou demais parcelas da população.

Constatou-se que o desequilíbrio ambiental é fruto do manejo inadequado, tanto por parte dos moradores, quanto da administração municipal, que não privilegia ações e não investe na infraestrutura necessária para melhorar a qualidade de vida desta população. Deve-se ressaltar, porém, que algumas ações nesse sentido vêm se concretizando, como a remoção de parte da população mais atingida, que foi instalada em um loteamento, a implantação da coleta seletiva e a canalização em alguns trechos, considerada por muitos uma solução não muito adequada.

Os resultados podem ser utilizados como subsídio a um programa de Educação Ambiental, seja nas escolas (que vem sendo feito pelo Município, com respeito a coleta seletiva) ou para a comunidade em geral, pois, embora a boa vontade demonstrada na pesquisa, a maioria da população não conhece as formas corretas de manejo, e precisa ter sua consciência ecológica cada vez mais desenvolvida para que as ações no sentido do equilíbrio ambiental e melhor qualidade de vida tornem-se realidade.

FORMAÇÃO CONTINUADA PARA PROFESSORES DE GEOGRAFIA EM SERVIÇO

ROSA ELENA NOAL[16]
CARMEM REJANE FLORES WISNIEWISK[17]
GILBERTO SILVA DE ROSSO[18]
SANDRO DE CASTRO PITANO[19]

A necessidade da criação de cursos de formação continuada para educadores atuantes na área da Geografia é um anseio dos próprios profissionais da Rede pública de ensino, no intuito de obter atualização e aperfeiçoamento profissional. Da mesma forma, evidencia-se a necessidade de se resgatar a importância da Geografia para a educação básica e formação do cidadão.

Concomitantemente à crescente demanda gerada pela carência dos educadores quanto a oportunidades de qualificar-se, percebemos a existência de dificuldades relacionadas ao trato de determinados conteúdos que compõem os programas de Geografia de Ensinos Médio e Fundamental. O ensino da Geografia, em especial da Geografia Física, tem nos causado uma série de preocupações, pois é do nosso conhecimento que para alguns professores dos ensinos médio e fundamental o mesmo passa a ser um obstáculo para o processo ensino-aprendizagem. As razões levantadas por parte desses educadores estão relacionadas, de forma significativa, ao fato de que os mesmos sentem-se inseguros ao tratar de temas complexos como geomorfologia, climatologia, cartografia, entre outros. Tais constatações ratificam a importância da implementação de cursos de formação continuada na rede pública de ensino.

Frente a esta problemática, o Laboratório de Cartografia e Estudos Ambientais (LACEA), vinculado ao Departamento de Geografia e Economia – ICH/UFPEL, vem desenvolvendo um projeto de extensão para a formação continuada de professores em serviço que visa dar continuidade a formação e atualização dos professore com

[16] Coordenadora do Projeto. Doutora em Geografia. Professora do DEGECON/ICH/UFPEL
[17] Doutora em Geografia. Professora da 5ª CREA
[18] Mestre em Geografia Urbana. Professor do DEGECON/ICH/UFPEL
[19] Mestre em Educação. Professor da 5ª CREA

vistas ao melhoramento da qualidade do ensino, com ênfase à Geografia Física. Este projeto é desenvolvido em parceira com a 5º Coordenadoria Estadual de Ensino com sede em Pelotas, abrangendo vários municípios sob sua coordenação. Neste sentido, busca-se promover um processo de atualização em Geografia junto aos professores da Rede Estadual de Ensino através da realização de cursos seqüenciais de 40 horas que visam, principalmente:

-Sanar dúvidas e deficiências conceituais e metodológicas diagnosticadas pelos professores envolvidos;

-Possibilitar a troca de experiências e dinâmicas de trabalho entre os professores envolvidos;

-Resgatar a importância da Geografia para a educação básica.

Dentre as atividades desenvolvidas destacam-se:

-Realização de cursos onde é adotada a exposição oral dialogada, bem como o desenvolvimento de atividades práticas de acordo com cada temática enfocada.

-Organização de oficinas para a criação de materiais didáticos e laboratórios de instrumentação do ensino de Geografia.

-Formação de grupos de estudos, leituras e debates onde adota-se a técnica do seminário

-Trabalho de campo onde ocorre a coleta de materiais e informações relacionadas às diversas temáticas enfocadas durante o curso.

É importante ressaltar que a realização deste projeto, atinge, direta e indiretamente os alunos de graduação e especialização em Geografia, pois os mesmos estarão participando deste processo de troca de experiências e conhecimento da realidade escolar.

Referências

GOMES, H. –*A produção do espaço geográfico no capitalismo*. São Paulo: Contexto, 1990.
MORAES, A C.R. - Meio ambiente e ciências Humanas. São Paulo: Hucitec, 1994.
ROSS, J. L. S. (org) – *Geografia do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1998.
SANTOS, M.– *Metamorfoses do Espaço Habitado*. São Paulo: Hucitec. 4ª ed. 1996.
STRAHLER, A N. – Geografia Física. Trad.Ana Maria Guillo e José Francisco Albert. 8ª ed. Barcelona: Ediciones Omega, S. A. , 1986.
SUERTEGARAY, D.M.A. – O que ensinar em Geografia (Física)? In: REGO, N.; SUERTEGARAY, D.M. e HEINDRICH, A. (orgs) – Geografia e educação: geração de Ambiências. Porto Alegre: ed. Universidade/UFRGS, 2000.